

Clóvis Assumpção: uma indagação filosófica

Ada Maria Machado Guimarães

URCAMP



1 Gaston Bachelard comenta que é exatamente porque as lembranças das antigas moradas são revividas como devaneios que as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós (p. 26).

Alerta o Autor que se sonha com a casa natal, na extrema profundidade do devaneio, participa-se desse calor inicial, dessa matéria bem temperada (...). “É nesse ambiente que vivem seus protetores. Voltaremos a abordar a maternidade da casa [...] confessa Bachelard”.

E o Poeta bem sabe que a casa mantém a infância imóvel “em seus braços” (p. 27).

A consciência de estar em paz em seu canto propaga, por assim dizer, uma imobilidade. A imobilidade irradia-se (...) As sombras logo se tornam paredes, um móvel é uma barreira, uma tapeçaria é um teto. Mas todas essas imagens imaginam demais. E é preciso designar o espaço da imobilidade fazendo dele o espaço do ser (p. 146).

Clóvis Assumpção tudo indica que se identifica nesse estado poético descrito por Bachelard (...) em tais devaneios, quanta Antigüidade tem o passado! Eles invadem o grande âmbito do passado sem data. Deixando a imaginação perambular nas criptas da memória, reencontra-se sem perceber a vida sonhadora vivida nas minúsculas tocas da casa, na morada quase animal dos sonhos.

1.1 Clóvis Assumpção na força poética da terra – a força do homem ligado à terra apresenta-se desde os primórdios da criação, pois a humanidade foi feita do barro da terra.

Ao criar a terra Deus disse:

Produza a terra erva verde, e que dê semente, e árvores frutíferas [...].
(Gênesis, 1:11, p. 25)

Ao acabar a criação do céu e da terra, Ele formou “o homem do barro da terra, e inspirou no seu rosto um sopro de vida, e o homem tornou-se alma, pessoa vivente” (Gn. 2:7). A narrativa bíblica da origem do homem aclara a dependência vital homem-terra, por sua própria natureza.

Destarte, o homem e a terra passam a ter uma união de interdependência. A terra, o símbolo do útero humano, torna-se útil e fértil, se o homem nela produzir. O homem sente-se vivo e consciente na ligação com as suas raízes terrenas. Essa relação torna-se mais significativa em referência ao torrão natal, onde desenvolve seu mundo afetivo com ligações profundas a seu meio.

Holfeldt (1982, p. 71), em seu livro *O Gaúcho*, salienta essa relação homem-terra na comparação das atitudes do habitante do Rio Grande do sul com o habitante de Portugal.

da mesma forma como se observou a respeito do português, a quem as grandes navegações nunca chegaram a desligar absolutamente da terra, também o gaúcho, em que pese seu nomadismo, é um indivíduo extremamente telúrico.

O apego ao chão imprime na alma a saudade e a vontade de voltar, vencendo a mágoa da separação e a melancolia das distâncias dos pagos.

Além do espaço campestre, o seu habitat de predileção, o gaúcho sente pela casa ou rancho a força do elemento de abrigo, de aconchego e de amor. Arrancado de sua gleba, sente o pior mal em sua desolação solitária.

Assumpção, o gaúcho das terras bageenses e habitante dos pagos do Sul carrega a herança nostálgica da partida de sua terra, que o acompanha de uma forma, estranhamente vital: o homem e a terra feitos da mesma essência, só se sentem em plenitude nessa relação traduzida em seus poemas, constate-se em “Precisamos um Mar de Ternura”:

Bagé como sou reconhecido
 de ter brotado de teu barro
 e ter visto a luz
 num inverno dos teus.
 (P.M.T., 1992, p. 65)

Na obra poética de Clóvis Assumpção, aparecem a terra povoada de cidades, ruas e esquinas, essas habitadas pelos homens: a sua tônica é a cidade, o território ocupado, transformado; e não a gleba infinda dos pampas, como se constata em “Trens Neblina e Rosa Fria”:

esquinas marcadas
com o mistério
e a lembrança.
(T.N.R.F., 1976)

A busca de paz interior e a luta do Poeta, entre os pedaços de lembranças, impulsionam-lhe para a constatação da imensidão terrestre, de modo filosófico, onde o globo que abriga o estado de espírito do indivíduo fratura-se em retalhos temporais – “de quando em quando”:

O campo é vasto o mundo também.
(T.S.E., 1979, p. 40).

A terra faz-se cidades nas imagens de suas viagens ou de sua longa estada em outros lugares, onde as recordações espaciais de momentos não o abandonam, sob o inspirador pré-outono, que insiste em aparecer em colorações de saudade e de um tempo passado:

Chego aos contrafortes das escadas
da rua suburbana
Paris em Porto alegre
na sempre inédita luminosidade
Do pré-outono
especioso e transitório.
(T.S.E., 1979, p. 11).

O Poeta Assumpção na metade de sua existência elege e aceita outra terra, uma projeção do torrão gaúcho, à semelhança da geografia bageense, carregando lembranças que amainam a melancolia da partida:

Porto Alegre entrou nos meus poemas
da minha temporada carioca
na quota da saudade
.....
com migalhas de tijolo
no delicioso tom.
(T.S.E., 1979, p. 10).

Assimila as belezas da terra, mas não as adota, pois as qualifica de anônimas em desconhecido subúrbio. Não admite, portanto, a procedência de outro espaço no seu coração; embora não mencione o nome:

O poeta de anônimas belezas
do desconhecido subúrbio.
(T.S.E., 1979, p. 16).

A metrópole faz-se presente em seu lamento, onde condena a perda das fachadas antigas, qual sua vida que se vê substituída de outras telas de existência em diversas paragens:

Somente fachadas anteriores
as posteriores perdidas no anonimato dos pátios
.....
cobertas de uma placa de poeira
na pobre sub-vida das coisas extintas.
(T.S.E., 1979, p. 47).

A sombra da saudade empana-lhe a visão emocional sob a testemunha da noite, aprisionando-o cada vez mais à lembrança da terra e dos homens, torna-se condenado à tristeza sombria do anseio de retornar:

A cidade apagada
é uma lembrança triste
sem homens sem muralhas
incomum no meio da sombra.
(T.N.R.F., 1976, p. 20).

Outra visão da terra e do mundo aparece, nos poemas, carregada de agressividade, de temores e de vazio profundo. Até saltam a visão e o pensamento do filósofo e do Poeta desolado:

Vivemos num mundo vazio
Estamos irremediavelmente marcados
Ouvimos as palavras e não as entendemos
Estamos no mundo perdido, sem jardins.
(P.M.T., 1973, p. 23).

O mundo poluído e devastado pelos homens carrega, também o traço negativo em contraste com a produção dos poetas:

Há muita poeira na rua
Há poesia demais.
(P.M.T., 1973: 13)

1.2 A terra de Bagé – a terra natal – a cidade e a campanha re-presentam para o Poeta a força telúrica, o ímã que o atrai, apesar das distâncias percorridas e tresmalhadas.

A ausência física do espaço bageense projeta o poeta em dois planos: o universal e o regional.

A terra para Clóvis Assumpção tem as conotações de cosmos que o abrigou desde o nascimento: o torrão natal, que é o aconchego do lar; a casa da infância, que se apresenta em partes, metonimicamente: muros, portas, telhados e que, ao mesmo tempo, pode

refletir uma casa universal pelo tratamento do espaço que se espelha em outras vidas.

Desde o gênesis, o homem e o barro estão unidos e marcam a força indestrutível da ligação entre ambos. O homem não se desliga nunca de suas raízes; ao contrário, quanto mais se distancia em tempo e em espaço, a força da separação transforma-se em força de atração, de volta ao solo nativo.

Observa-se o apego à terra nos poemas, pela união entre a cidade e os pagos, esses articulados nas visões do Poeta, com a predominância da paisagem urbana. Transparece um telurismo correspondente ao homem do campo que abriga uma íntima relação com a natureza e seus segredos, só que, em Assumpção, é a terra natal, o espaço urbano sobretudo.

A ligação afetiva às raízes da terra natal é profunda, conotando uma dependência sem precedentes, pois a gleba o seduz ao ponto de tornar-se um vivo-morto, aspirado pelos ímãs de vitalidade contidos nela.

O Poeta sente a força telúrica, que o arrasta e exterioriza; o lamento por estar impedido de uma convivência mais freqüente com ela; e o véu da morte paira num desejo de subjazer no espaço vital:

Saindo da cidade de Bagé
.....
sem poder cobri-la com minha pele
.....
Já entrei e já saí muitas vezes
mas descubro lá ter ficado
com os mortos debaixo da terra.
(A.M.J., 1976, p. 19).

A vontade de retornar, de renascer, de ser o que era outrora, angustia-o e o faz saudoso e inquieto:

Pode fazer mal
a volta ao passado
a um certo
núcleo útero
.....
contudo a gente apreende
a incidir e a procurar.
(S.S.G., 1986, p. 77).

1.3 A terra e a casa – o espaço de moradia faz -se, em partes, na imaginação do Poeta, que preenche os vazios materiais pelos fragmentos evocados na lembrança: portas, telhas, muros e paredes, metonimicamente arranjados, desfilam na relação de familiaridade:

Os muros carcomidos de arrabalde
e todas as amarguras.
(A.M.J., 1976, p. 27).

Tal citação lembra Bachelard (1989, p. 27), o qual afirma que:

quando se sonha com a casa natal, na extrema profundidade do devaneio, participa-se desse calor inicial, dessa matéria bem temperada do paraíso material. É nesse ambiente que vivem os seres protetores. Voltaremos a abordar a maternidade da casa. Por enquanto, gostaríamos de indicar a plenitude original do ser da casa. Nossos devaneios nos conduzem a isso. E o poeta bem sabe que a casa mantém a infância imóvel 'em seus braços'.

A melancolia dos pedaços do passado se reúnem nos antigos esconderijos, sob o dossel da noite que ronda ao redor da casa, para atenuar a mágoa das ruas e as lágrimas dos homens na noite que se descolore ante essa visão sombria:

corações antigos em antigos esconderijos
noite em redor da casa para esterilizar
ruas e lágrimas na noite desbotada.
(T.N.R.F., 1973, p. 7).

Pelas venezianas escorrem as sombras em forma de amargura, parece conotar as tristezas, as vivências do poeta, agora filtradas pela imaginação em fragmentos, mesmo assim não deixa de amá-las:

a sombra escorre pelas venezianas
parecem não poder sorrir como antes
compungidas com fisionomias quase taciturnas.
Não posso deixar de amá-las
E talvez melhor num outro tempo de canção.
(T.S.E., 1979, p. 143).

Em momentos de decisiva intenção de rompimento com vínculos tradicionais e já instituídos pela sua própria vida, a casa parece se abalar em perigo:

Todo o afluído na hora indecisa
não tem gama definida
.....
então flutuamos
num desarvorado pêndulo
sentindo as paredes perigosas
no cheque da concessão ao nada.
(T.S.E., 1979, p. 37).

Vê-se como os poemas oscilam entre o existir e o não-existir, entre o ser e o não-ser das pessoas e das coisas numa visão existencial do filósofo-poeta, num jogo entre os pólos contraditórios.

Na dúvida e na tristeza, o pensamento e o sentimento aproximam os versos do torrão amigo, onde a geografia torna-se o refrigerio da paz e de amor:

desenharemos o mesmo mapa
em nossas peles
de noites prolongadas
não teremos receio de nada
pois o gosto da terranos é familiar.
(S.S.D.G., 1986, p. 14).

Em atitude vivencial de amor e de paixão pela terra, quer aproximar-se, mesmo quando se afasta para longe no tempo:

Na torrente do tempo
mais dela me aproximo
rastejando pelos muros da memória.
(I.A.A., 1977, p. 23).

O Poeta aprendeu a levar a carga de lembranças, entre as paredes do mistério, perseguido pelas vivências, deixando-se corroer por espécies várias de vermes e atacado por animais vorazes e mortais, como chacais e abutres:

já calquei outros chãos alheios
lembrando sempre aquele
onde vi as estrelas pela primeira vez
já bebi em várias fontes
comparando à fonte original
tive medo e angústia
.....
andei por mim mesmo em labirintos
indagando por que não estou lá?
(I.A.A., 1977, p. 22).

A insistência em voltar à terra natal transforma-se na busca da plenitude maior, o mundo perdido que volve na lembrança, no sonho de “estar” no espaço vazio que anseia preenchê-lo com o retorno, redimido e com vontade de salvação.

Como refúgio, o mundo de Bagé faz-se cidade apagada, transforma-se em esquinas marcadas de mistério e de lembranças, torna-se uma ilha de paz sob o mundo cruel e devastador que se apresenta no painel da existência, onde o prestígio da beleza da terra bageense e a alegria simples de viver são capazes de restabelecer a harmo-

nia do universo sob o domínio de um fim de tarde ou sob a noite mágica:

nesta ilha de paz
.....
Agora sob o domínio do fim da tarde.
(Q.S.P., 1990, p. 113).

Da terra à natureza é uma fração existencial; o homem se vê envolvido de forças telúricas, que o arrastam ao retorno e o prendem, afetivamente. A natureza exalta as paisagens e os momentos vivenciados e servidos no tempo.

O Poeta une flora à terra, em uma obsessão de retorno à terra, quer em pensamento, quer pela necessidade emocional e física de integrar-se aos espaços de origem, faz-se presentificada, de modo figurado, através da alusão aos líquens, que possuem essa força de ligação e apego.

A terra, que é feminina na simbologia universal, abre-se ora em direção ao espaço, ora em direção à mulher, através da analogia com a flora:

De líquens dissolutos
formas múltiplas podem brotar
.....
Todos nós podemos dar volta.
(T.N.R.F., 1973, p. 113).

O Poeta, desprovido de visão para enxergar a terra, encontra-se condenado ao tempo que está em putrefação, o pretérito; e não encontra valor em nenhuma flor, que representam as essências da vida:

Oxidados os nossos olhos
nenhuma flor tem significação.
(T.N.R.F., 1973, p. 95).

A presença da gleba natal torna-se absoluta, ao ponto de diluir qualquer esperança de felicidade, pois o limite desta se encontra nas fronteiras do inconsciente, onde se ocultam mágoas submergidas no tempo. A expectativa de uma flor indeterminada na contingência da existência e no eventual do “qualquer” não apagam as lembranças:

Com um pé no limite da felicidade
e uma flor qualquer na mão
as mágoas submersas no inconsciente.
(T.N.R.F., 1976: 9)

As cambiantes da folha de outono representam as mudanças que a flora impõe na natureza, como renovação como passagem das etapas da vida. Assim, o Poeta sente-se dividido entre o passado e o presente, acorrentado ao tempo pretérito:

quis ser e fui o que quis
vi as cambiantes da folha de outono
e todos terminaram acorrentados a mim.
(A.M.J., 1976: 59)

A poesia de Clóvis Assumpção, na vertente existencialista, revolve-se no devir e na angústia, voltando ao passado, e amando os velhos muros que se ergueram desafiadores e surgem no devaneio poético no aconchego da gleba natal:

Juntando pedaços antigos
articulamos
todos os tempos de nossa vida
.....
para tanto se arrecada de tudo
a partir dos velhos solos
dos campos inesquecíveis
das lágrimas de desgaste
.....
nos caminhos traçados
nos muros pelas escaladas.
(E.T.N., 1992: 133)

O espaço da terra sugere a volta dos sonhos e das lembranças passadas e escondidas no íntimo do poeta.

1.4 O vento, a solidão e a terra em lembranças – o vento surge ligado à nostalgia da solidão, nas referências poéticas, levando-os aos espaços de saudade ora numa geografia física, ora em planos espaciais interiores, reduzindo o Poeta a um estado de solidão e abandono:

No Cassino o vento de sempre
agora remetido pelo mar
reduz as minhas substâncias
ao tempo da solidão maior.
(S.S.G., 1986: 13)

A solidão envolve o Poeta de sombras e distanciamento, pois a atração pela gleba natal, fruto da saudade e do apego telúrico, naturais ao homem, deixam-no em desesperado abandono existencial. Então de incertezas faz-se o plano emocional do poeta, à

semelhança do vento frio que se solidifica na frieza da existência, sem deixar de perpassar a umidade, pois o estado da água se une ao ar para intensificar o gelo das relações humanas:

Mas contínuo tateando nas incertezas
no máximo razoável de umidade e vento frio.
(M.O.S.P., 1986, p. 27).

Constata-se em Assumpção, um poeta do sul, representante do modernismo em Bagé, partícipe do Grupo de Arte de Bagé de 1945, uma poesia estuante de filosofia e de ludicidade racional.

Revela a terra e os espaços poéticos eivados de um tempo perdido na pauta das lembranças: o passado, andarilho nas terras percorre a geografia poética, fixando-se na preocupação universal entre o homem e a fugacidade do tempo.

Referências

ASSUMPTÃO, Clóvis. *Precisamos um mar de ternura*. Canoas: La Salle, 1973. P.M.T.

_____. *Trens neblina e rosa fria*. Canoas: La Salle, 1973. T.N.R.F.

_____. *Anatomia e metafísica do jazz*. Canoas: La Salle, 1976. A.M.J.

_____. *Talvegues de sombra no entardecer*. Canoas: La Salle, 1979. T.S.E

_____. *Sob o signo do gris*. Canoas: La Salle, 1986. S.S.G.

_____. *Intromissões do antes no agora*. Canoas: La Salle, 1977. I.A.A.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HOLFELDT, Antônio. *O gaúcho*. Ficção e realidade. Rio de Janeiro: Antares, Instituto Nacional do Livro/Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.